



Tereza Trigoalhos, Ilha dos Imortais XI

**vem cá! Assim, verticalmente!
Achega-te... Docemente...
Vou olhar-te... E, no teu olhar, colher
promessas do que quero prometer,
até à síncope do amor na alma!
Colemos as mãos, palma a palma!
A minha boca na tua, sem beijo...
Desejo-te, até o desejo
se queixar que dói.**

E sou tua, assim, como nenhuma foi!

(Caminhos Frios)

**«Poesia Portuguesa Erótica e Satírica»,
Organiz., pref. e notas de Natália Correia
Lisboa: Antígona / Frenesi, 1999**



Soneto

**Este ser que me deu a natureza,
Vai desorganizando a enfermidade;
Sinto apagar da vida a claridade
Doma as corpóreas forças a fraqueza**

**Vai crescendo em minha alma a fortaleza
Quanto cresce do mal a intensidade;
As portas áureas me abre a Eternidade,
E lá cessam cuidados e tristezas.**

**Vou amar quem somente é amável
Em oxigêneas luzes abrasar-me
Nunca errar, nem temer gente implacável**

**Vou nos jardins celestes recrear-me
E no seio de um Deus justo, adorável,
A tudo o que me falta associar-me.**

Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna



Poema

Sozinha no bosque
com meus pensamentos.
calei as saudades,
fiz trégua aos tormentos.
Olhei para a Lua,
que as sombras rasgava,
nas trémulas águas
seus raios soltava.
Naquela torrente
que vai despedida,
encontro, assustada,
a imagem da vida.
Do peito, em que as dores
já iam cessar,
revoa a tristeza,
e torno a pensar.

Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna



**Retratar a tristeza em vão procura
Quem na vida um só pesar não sente
Porque sempre vestígios de contente
Hão-de apar'cer por baixo da pintura:**

**Porém eu, infeliz, que a desventura
O mínimo prazer me não consente,
Em dizendo o que sinto, a mim somente
Parece que compete esta figura.**

**Sinto o bárbaro efeito das mudanças,
Dos pesares o mais cruel pesar,
Sinto do que perdi tristes lembranças;**

**Condenam-me a chorar e a não chorar,
Sinto a perda total das esperanças,
E sinto-me morrer sem acabar.**

Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna



Esperanças de um vão contentamento,
Por meu mal tantos anos conservadas,
É tempo de perder-vos, já que ousadas
Abusastes de um longo sofrimento.

Fugi; cá ficará meu pensamento
Meditando nas horas malogradas,
E das tristes, presentes e passadas,
Farei para as futuras argumento.

Já não me iludirá um doce engano,

Que trocarei ligeiras fantasias
Em pesadas razões do desengano.

E tu, sacra Virtude, que anuncias,
A quem te logra, o gosto soberano,
Vem dominar o resto dos meus dias.

Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna

***Poesias*, com selecção, prefácio e notas do Professor Hernâni Cidade,
Clássicos Sá da Costa, 1941, Lisboa**



Deitei-me sobre a fresca relva um dia,
E dando a um sono leve alguns instantes
Com os prazeres sonhei que há instantes
Debuxava a estragada fantasia.

Saturno vagaroso me trazia
Um dilema de lucidos diamantes
Enramado de mirtos odorantes
O qual Cypria na frente me cingia.

A Fortuna risonha se mostrava
Mas no disco da roda vacilando
Voltando-a, me levou quando eu sonhava.

Já Délio para os mares ia olhando
E Boreas que raivoso murmurava,
Me acordou como dantes suspirando.

Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna



SONETO

**Lusitânia querida! Se não choro
Vendo assim lacerado o teu terreno,
Não é de ingrata filha o dó pequeno;
Rebeldes julgo os ais, se te deploro.**

**Admiro de teus danos o decoro.
Bebeu Sócrates firme seu veneno;
E em qualquer parte do perigo o aceno
Encontra e cresce o teu valor, que adoro.**

**Mais que a vitória vale um sofrer belo;
E assaz te vingas de opressões fatais,
Se arrasada te vês, sem percebê-lo.**

**Povos! a independência que abraçais
Aplaudes, alegre, o estrago, e grita ao vê-lo:
"Ruína sim, mas servidão jamais!"**

Leonor de Almeida, Marquesa de Alorna

